

Neofascismo e neoliberalismo: uma análise pachukaniana-salamiana

Leonardo Carnut¹

Resumo

Este estudo ensaia uma análise histórico-dialética com ancoragem teórica derivacionista baseada em Evguiéni Pachukanis como também em Gilberto Mathias e Pierre Salama sobre a relação entre o neofascismo e o neoliberalismo. Neste sentido, este estudo está dividido em duas seções. A primeira seção trata sobre o papel da crise do capital como gênese do fascismo em uma chave marxista. A segunda seção aborda como o neofascismo emerge como resposta à dinâmica capitalista na fase neoliberal do capitalismo pensando, especificamente suas repercussões nos países latino-americanos.

Palavras-chave: Neofascismo, Neoliberalismo, Marxismo, Derivacionismo, América Latina.

O papel da crise do capital em uma visão marxista do fascismo

Na análise marxista em geral (BOITO JÚNIOR, 2020; FONTES, 2019; OLIVEIRA, 2018), o fascismo é considerado como uma forma-política do regime do Estado capitalista no qual a relação de dominação do Estado sobre a sociedade conduz-se por meio da suspensão das “liberdades democráticas” burguesas (BRITO, SOUSA e SILVA, 2019; CALIL 2018). Assim sua manutenção e seus “graus” de fechamento do regime político emergem como única alternativa que a burguesia tem (DEMIER, 2018; MATTOS, 2019; MELO, 2017), no comando do destino do Estado, em face a uma crise capitalista de grande envergadura (SCARTEZINI, 2016; SCHLESENER; MEZAROBBA; ALMEIDA, 2019; SEMERARO, 2019). Por isso, é fundamental ressaltar a ligação orgânica que existe entre o capitalismo, suas estagnações, crises e decadência com o fenômeno fascista.

Diferentemente de uma ditadura tradicional, o fascismo se converte em uma ditadura através de um apoio social. Portanto, ao ocorrer o fechamento do regime político cresce uma legitimação popular que apoia tais restrições democráticas. Esta adesão muitas vezes acontece em função das precárias condições de vida proporcionada pela crise. Esta última característica é um elemento importante que delimita o fenômeno fascista e, que, sem esta mobilização popular

¹ Professor Adjunto da UNIFESP. Contato: leonardo.carnut@unifesp.br

fascistizada, não é possível dizer que o fascismo se apresenta enquanto forma-política (por mais que as frações de classe e grupos fascistas estejam presentes na sociedade de forma latente).

Quando se fala de fascismo clássico (ou histórico), Konder (2009) apresenta uma definição mais localizada sócio-historicamente. Ao pensar o fascismo do período entreguerras, o autor o classifica como uma tendência que surge na fase imperialista do capitalismo contemporâneo, que procura se estabelecer nas condições de implantação de um capitalismo monopolista de Estado, exprimindo-se através de uma política favorável à crescente concentração de capital. É um movimento político-social de conteúdo conservador que se disfarça sobre uma máscara “modernizadora”, guiado pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionistas e conciliando-os com procedimentos racionalistas-formais de tipo manipulatório (KONDER, 2009).

Em uma perspectiva derivacionista², o papel da crise do capital internacional e sua relação intrínseca com a forma jurídica do Estado capitalista ganham relevo para explicar o fascismo. Para Mascaro (2020), a forma jurídica condenada ao opróbrio pela força da conjuntura, demonstrando sinais de esgotamento do direito, juntamente como o fenecimento do Estado são, respectivamente, índices da agudização da luta de classes e da superação do capitalismo. Estes últimos, ao serem identificados pela burguesia como sinais de desgaste de sua forma dominação política – democracia procedimental – uma vez que não conseguem solucionar estes desgastes parlamentarmente, encaminha-se uma ditadura de classe fascista cuja essência é uma tentativa desesperada de manter as formas sociais capitalistas buscando retardar seu definhamento (MASCARO, 2020).

Assim, sob a crise capitalista mundial, muitas fissuras ideológicas são abertas que desvelam o sentido perverso do modo de produção e que são exploradas pela burguesia ao seu favor. Os manejos repressivos, além daqueles salvacionistas do capital, repercutem nos ânimos das massas como soluções “radicais” que visam reaquecer a economia a passos rápidos (impossíveis de serem dados nos tempos “normais”) e que não se ajustam a cadência das mudanças sociais. Neste sentido, o fascismo se move, em um segundo momento como uma ação

²O derivacionismo é uma corrente de pensamento sobre a relação ‘Estado e capitalismo’, localizado o interior do debate marxista. Evgueni Bronislávovich Pachukanis (1891-1937) foi precursor deste enfoque. Pachukanis foi um jurista soviético que revolucionou a teoria geral do direito a partir desta perspectiva, e, sua análise foi reavivada nos anos de 1970 por autores caudatários de seu pensamento construindo o que hoje é chamado de Teoria Materialista do Estado.

supraestrutural, política, do capitalismo em crise e em decadência. É este um último manejo possível antes de uma derrocada, ou seja, já que não consegue resolver suas contradições nos termos do liberalismo, volta-se ao passado, distorcendo-o para fazê-lo substituir o liberalismo já ineficaz (MASCARO, 2020)

Assim, evitando a superação do modo de produção, o fascismo permite expor a democracia, os sistemas parlamentares, as liberdades e o campo político na berlinda para que o capitalismo e a exploração burguesa permaneçam intocados. Nessa mudança, há, sim, algo extremamente real: as alianças militares. Ao adotar essa tática, o capitalismo substitui o velho sistema dos partidos políticos por organizações terroristas do capital, paramilitares e militares em defesa de frações burguesas envolvidas neste projeto. Logo, os interesses dos grandes industriais, do capital financeiro e do militarismo em aliança fazem com que as utopias reacionárias da pequena burguesia (pequenos proprietários – lojistas, artesãos etc.) apareçam como se fossem destes últimos.

É neste sentido que Pachukanis (2020), ao analisar o fascismo italiano, afirma que o fascismo é produto da decomposição da ideologia democrático-burguesa. Para o autor:

as primeiras organizações fascistas tinham por representantes a camada da pequena burguesia em sua maioria. Mas não se tratava da pequena burguesia do desenvolvimento capitalista inicial. Eram, em grande parte, representantes da camada média que cresceu na última década do capitalismo – intelectualidade técnica e servidores. [...] A burguesia, mesmo a mais liberal está pronta para fechar acordo com qualquer que lhe convenha, com qualquer mercenário miliciano, bastando que seja capaz de salvar a sagrada propriedade. (PACHUKANIS, 2020, p. 31-36)

Do ponto de vista prático, os fascistas sabem estabelecer um laço estreito entre eles e o grande capital latifundiário, especialmente para permitir o afluxo de recursos que financiam, comunicação, transporte, até o fornecimento de armas (PACHUKANIS, 2020). Do ponto de vista retórico, os fascistas sempre propõem um programa forte com um misto de “limpeza” com destemperos, mas ao mesmo tempo garante a liberdade absoluta para circulação do capital e definham o monopólio estatal nas circunstâncias onde a previsão de condições mais favoráveis à acumulação capitalista se apresenta (PACHUKANIS, 2020).

Pachukanis (2020) ainda reforça que o crescimento do fascismo depende de um o movimento operário desorganizado pela traição dos reformistas e pelas meias-táticas dos líderes centristas que, em conjunto, vão direcionando a estratégia socialista ao declínio. No caso da

ditadura fascista na Itália, isto se percebe muito bem, ao ponto que o fascismo foi justificado porque o governo parlamentar foi absolutamente incapaz de conduzir as medidas indispensáveis, necessárias para reequilibrar o orçamento, eliminar o déficit, desenvolver a economia, fortalecer o debilitado aparelho estatal, em resumo, todas aquelas medidas financeiras e administrativas emergenciais que constituem as condições de estabilização capitalista.

Portanto, o exemplo italiano nos demonstra o limite da ação política de esquerda dentro do Estado e como o fato da insistência, apenas nesta via, ajuda contraditoriamente no crescimento da mobilização fascista. O caminho para esquerda derrotar o fascismo parte primordialmente – mas não exclusivamente – da mobilização das massas à esquerda, com organização e criação de lideranças capazes de guiar o extermínio da política fascista. Contudo, o caminho tomado pelas forças revolucionárias deve compreender o papel que capital internacional tem na estrutura do fenômeno fascista com vistas a desarticulá-lo. Afinal como nos lembra Pachukanis (2020):

O fascismo é fruto do estágio imperialista do desenvolvimento capitalista, no qual este último manifesta traços de estagnação, parasitismo e decadência. Disso decorre que o fascismo não está apto a criar formas que proporcionariam um desenvolvimento a longo prazo. O grande capital, em determinadas condições, vê-se obrigado a declinar dos métodos de organização democrática das massas, bem como da ajuda que lhes prestam os sociais-democratas. (PACHUKANIS, 2020, p. 53)

É neste caminho que os autores que se dedicam a compreender como o fascismo dos tempos atuais (também chamado de “fascismo de novo tipo” ou somente “neofascismo”) vem estabelecendo análises sobre o novo período de crise capitalista e sua relação com a ascensão neofascista. Assim, a preocupação dos dias atuais é entender como o capital, em sua fase de desenvolvimento neoliberal, permite o avanço das forças fascistas em reposta a dinâmica de desaceleração e crise de longa duração (ROBERTS, 2016)

Neofascismo e a dinâmica capitalista no neoliberalismo: pensando a América Latina

A crise de longa depressão e duração descrita por Roberts (2016) tem demonstrado o estágio da crise capitalista e como sua agudização é um elemento que justifica a adoção da tática fascista. É fundamental lembrar que a crise vem se caracterizando por uma crise de “longa depressão” para os próximos 30 anos, partindo-se de 2008. Trata-se de entendê-la como uma

combinação entre produto de baixo investimento e baixo crescimento da produtividade decorrente de uma menor lucratividade do investimento em setores produtivos e uma alteração no campo da especulação financeira. O capitalismo mundial experimenta uma profunda depressão com dificuldades para superá-la e é neste ponto em que o neofascismo encontra terreno fértil para germinar (GUAMÁN; MARTÍN e ARAGONESES, 2019; BUENO, 2020)

É essencial lembrar que tanto o neofascismo quanto o próprio fascismo histórico não devem ser interpretados exclusivamente à luz de suas lideranças, mas sim de aspectos conjunturais que se encontram (e se constroem) com o culto à liderança e à mitologia política, forjando uma relação simbiótica entre líderes, Estado e nação. (CALDEIRA-NETO, 2020). Por isso que Fassin (2018) vem batizando o fenômeno que se vive hoje como ‘o momento neofascista do neoliberalismo’. Para o sociólogo, ao contrário das análises de Mouffe, que se recusa a “classificar os partidos populistas³ de direita como ‘extrema-direita’ ou ‘neofascista’”, ele argumenta que o novo tipo de fascismo vivido apresenta ancoradouro na dinâmica capitalista do neoliberalismo em sua fase atual (FASSIN, 2018).

Assim, não se trata apenas de uma “fase autoritária” do neoliberalismo, como apontam Boffo, Saad-filho e Fine (2018), já que o cerne da dinâmica capitalista é ser autoritária em si mesma, impondo sua *Weltanschauung* e construindo formas e relações capitalistas em todos os terrenos da vida social. Portanto, segundo Prado (2020), deve-se apostar na recorrência do fracasso neoliberal em conseguir tanto uma reprodução mais célere do sistema quanto uma reprodução pouco conflitiva da vida social como elementos responsáveis pela guinada à extrema-direita. Como bem adverte o autor:

ademais, a estratégia do Estado de consolidação tende também a um processo de esgotamento: o endividamento não pode crescer sempre mais rapidamente do que a

³Segundo Löwy (2021), o uso do conceito de “populismo” para expressar o que se vive no mundo com a extrema-direita é um uso equivocado. A crítica ao termo adveio no uso pouco rigoroso por parte de certos cientistas políticos, mídia e até mesmo por parte da esquerda para explicar a natureza dos movimentos neofascistas na Europa, servindo, segundo o autor, apenas para semear confusão. Para ele “na América Latina dos anos 1930 até os anos 1960, o termo populismo correspondia a algo bem específico: governos nacionais-populares ou movimentos ao redor de figuras carismáticas – Vargas, Perón, Cárdenas –, com amplo apoio popular e uma retórica anti-imperialista. Entretanto, o seu uso francês (ou europeu) a partir dos anos 1990 é totalmente um equívoco. Um dos primeiros a usar o termo para caracterizar o movimento de Le Pen foi o cientista político Taguieff, que definiu populismo como ‘um estilo retórico que está diretamente ligado com o apelo ao povo’”. (LÖWY, 2021, p. 4). De fato, o problema do conceito é que ele esvazia o conteúdo histórico-social dos movimentos populares igualando mobilizações de trabalhadores com mobilizações reacionárias. Além disso, o termo, se vale do conceito de “elite” política, ocultando o papel destes dirigentes no sistema produtivo e tendo como mediador a relação entre os governantes e o “povo” (mais uma vez destituído da questão de classe, portanto, obscurecendo a localização social dos sujeitos no debate).

geração de mais-valor na esfera da produção mercantil. É aqui, talvez [...] que o neofascismo pode encontrar de fato a sua hora e a sua vez no balanço do poder. Pois, como se sabe, é possível argumentar que economia capitalista no País está tendendo à estagnação completa (estagnação completa de -0,3% ao ano) (PRADO, 2020, p. 5).

Ao identificar o neofascismo no âmbito dos países imperialistas, alguns autores como Prado (2020) afirmam que o ressurgimento do fascismo na Europa não é apenas a consequência de uma hostilidade à imigração, mas um dos resultados da exploração dos países da periferia do capitalismo pelos chamados “governos *civilizados*” (CAMPOS, 2018). Mesmo dentro da Europa o neofascismo veio como uma resposta à crise combinada com a impossibilidade de resolução liberal das contradições de classe, que, lá, estabeleceu-se no irreconciliável ajuste entre demandas sociais e acumulação capitalista.

Logo, o neofascismo europeu não é a repetição do fascismo dos anos 1930: é um fenômeno novo, com características do século XXI. Ele não assume a forma de uma ditadura militar, mas respeita alguns ritos democráticos: eleições, pluripartidarismo, liberdade de imprensa, existência de um parlamento etc. Trata, na medida do possível, de limitar ao máximo estas liberdades democráticas, com medidas autoritárias e repressivas da depender da conjuntura. Tampouco se apoia em tropas de choque armadas, como eram as SA alemãs ou o *fascio* italiano. (LÖWY, 2021). Assim, pode-se dizer que a Europa aprendeu algo com as tragédias dos anos 1930 e 40. Ou, pelo menos aprendeu que não se deve fazer campos de concentração dentro de seu continente, mas fora...⁴ (CAMPOS, 2018).

Já no caso dos países de capitalismo dependente, o papel do neofascismo é bem peculiar. Na tentativa legítima de evitar imprecisões analíticas, alguns autores (FONTES, 2019; OURIQUES, 2020) têm insistido em termos como: “conservador”, “autoritário”, “totalitário” e, até sufixos que designam incompletude como: “protofascista”, “semifascista”, “hemifascista” para qualificar a emergência do fascismo nos países latino-americanos. Nós consideramos isto um

⁴Campos (2018) relata que “em 2002, os primeiros-ministros Tony Blair e José María Aznar levaram à cúpula da União Europeia a proposta de punir com sanções econômicas os países de origem que permitissem que seus povos se tornassem ‘imigrantes indesejáveis’ na Europa. A proposta causou escândalo porque explicitava o desejo de que governos dos países da África, por exemplo, transformassem-se em ‘carcereiros dos seus cidadãos’. O novo modelo de Estado para o Terceiro Mundo, na proposta de Blair e Aznar, seria um que, além de cumprir a tradicional tarefa de garantir o fornecimento de matéria prima para o Primeiro Mundo a baixo custo, passaria a vigiar para que seus habitantes não tentassem escapar da miséria provocada por esse mesmo baixo custo. Nações pobres se tornariam grandes campos de trabalho forçado, com seus cidadãos impedidos de fugir. Não por isso, o *Criminal Alien Deportation Enforcement Act*, projeto de lei do deputado republicano Brian Babin, prevê não apenas sanções econômicas, mas também a suspensão de vistos para residentes de países cujos governos não demonstrem competência em impedir a emigração ‘ilegal’ de seus cidadãos.” (CAMPOS, 2018, p. 5).

equivoco já que estes termos soam como eufemismo em relação aos fatos e sua articulação com a totalidade. Além disso, a gestão do medo, a apologia à violência, e, em especial o papel de um Estado contra-insurgente – que flerta constantemente com o fascismo (MARINI, 1978) e atua sempre sob a batuta de uma contrarrevolução preventiva (FERNANDES, 1976; FERNANDES, 1978) – fazem com que as readaptações ou reinterpretações das políticas fascistas tradicionais às novas circunstâncias se tornem uma realidade bem mais agressiva.

Neste sentido, em uma abordagem dialética, Mathias e Salama (1983) já anunciavam que o papel estreito, inconcluso ou incompleto da democracia burguesa (caracterizada por sua ‘legitimidade restrita’) em países de capitalismo dependente como os da América Latina, serve de elemento empírico para justificar que

nos países capitalistas desenvolvidos, o estado de exceção é a ditadura, enquanto o estado normal é a democracia. [Já] nos países **subdesenvolvidos**, o **estado de exceção** é a **democracia**, ao passo que o **estado normal** são os **regimes políticos de legitimidade restrita**. O Estado desempenha um papel particular na difusão das relações mercantis nos países subdesenvolvidos. [...] A distinção entre o Estado e sua forma – o **regime político** – permite evitar, por um lado, as teorizações mecanicistas, até mesmo deterministas, e idealistas; e por outro lado, impede que se reduza o Estado a um sujeito ou a um objeto (MATHIAS e SALAMA, 1983, p. 10) [grifos nossos]

Dito isto, a hipótese principal que os estudiosos levantam é que o neofascismo na periferia seria a resposta do bloco dominante transnacionalizado às contradições da mundialização neoliberal, com a conclusão de que o neofascismo periférico do século XXI corresponderia à ‘fase superior’ do neoliberalismo, a última etapa do imperialismo, nos países latino-americanos (MARTÍN, 2020). Neste sentido, o papel que joga a legitimidade restrita de seus regimes políticos aliados a essência contra-insurgente do Estado, faz com que o neofascismo na América Latina tenha um caráter muito mais destrutivo do que ocorre nos países de capitalismo central.

Isto pode ser verificado empiricamente por meio de algumas diferenças. Por exemplo, nos países centrais europeus o neofascismo⁵ focou-se, em uma primeira versão, contra o Estado

⁵Para Löwy (2021, p. 2), “uma tentativa de tipologia da extrema-direita europeia atual teria de distinguir pelo menos três tipos diferentes: 1) Partidos de caráter diretamente fascista e/ou neonazista: por exemplo, o Aurora Dourada, da Grécia (recentemente dissolvida); o Setor Direito, da Ucrânia; o Partido Nacional Democrata, na Alemanha; e várias outras forças menores e menos influentes; 2) Partidos neofascistas, isto é, com raízes e fortes componentes fascistas, mas que não podem ser identificados com o padrão fascista clássico. É o caso, em diferentes formas, do Rassemblement Nacional, da França; do FPÖ, da Áustria; e do Vlaams Belang, da Bélgica, entre outros, e; 3) Partidos

de bem-estar social, pelo peso dos impostos e por meio de um “identitarismo”⁶ nacionalista anti-imigração que vê no “outro” (não-europeu) a raiz da dissolução de suas vidas (VIEL, 2021; CAMPOS, 2018). Beinstein (2018) chama este fenômeno de ‘neofascismo defensivo’. Contudo, isto não retira dos países europeus o caráter dialético desta relação, já que, da mesma forma que no fascismo clássico a burguesia italiana se aliou ao capital inglês no sentido de garantir a manutenção dos privilégios desta classe na terra do Duce (PACHUKANIS, 2020), no neofascismo europeu, a Grécia rendeu-se aos pacotes de austeridade do FMI e os países do leste europeu se viram reféns da política protecionista da zona do euro. Assim, mesmo na Europa, estes países são vistos como a “escória” do velho mundo e, que, portanto, suas populações são ‘intrusos dentro de casa’ e que, portanto, não devem sair de seu lugar.

Já na América Latina, o neofascismo é dotado de um caráter ‘autodestrutivo’ (BEINSTEIN, 2018) tornando-se ainda pior do que nos países de capitalismo central. Se, em condições “normais” de regime legitimidade restrita, os países latino-americanos vivem sob a revelia de uma burguesia associada que sobrevive da transferência de mais-valor da periferia para o centro provocando com isso uma superexploração do trabalho; em tempos de neofascismo ela desvela seu caráter pró-imperialista em absoluto e ainda, contraditoriamente, é conclamada de forma “ufanista” pela classe média e frações da classe trabalhadora mais atingidas pela crise que, fascistizadas, endossam politicamente tamanha subserviência. Neste contexto, sem um “outro” para responsabilizá-lo pela crise, há a necessidade de encontrar alguém a quem culpabilizar, e, claro, destilar ódio direcionando a violência. O culpado passa a ser o próprio cidadão compatriota que, por algum critério (econômico, étnico-racial ou moral) – por exemplo: os pobres, os negros, os povos originários ou, ainda, os homossexuais – passam a ser o motivo da crise e cuja existência deve ser eliminada (CARNUT, 2020a).

Dado as características particulares de cada conjuntura doméstica (CARNUT, 2020), o neofascismo no Brasil assume um aspecto muito semelhante ao relatado. Loff, ao ser entrevistado por Viel (2021), não hesita em classificar o governo de Jair Bolsonaro como

de extrema-direita que não possuem origens fascistas mas compartilham do seu racismo, xenofobia, retórica anti-imigrante e islamofobia.

⁶O identitarismo na Europa vem apresentando uma diferença na concretude dos fatos em relação ao que ocorre no Brasil. Enquanto no velho mundo o identitarismo está relacionado com um nacionalismo ufanista dos Estados europeus, baseada na assunção de serem os principais herdeiros da cultura ocidental, no Brasil, o identitarismo assume outra posição, ligada à identidade de gênero-sexualidade e raça-etnia, gerando concepções mais contra-hegemônicas sobre a herança cultural e material em relação à ideologia capitalista.

representante do neofascismo. “O discurso que tem sobre os movimentos sociais e políticos que se lhe opõem, sobre as mulheres, as minorias étnicas, a família, a nação, o Ocidente configura um neofascismo adaptado ao Brasil do século 21” (VIEL, 2021, p. 3). Para Löwy (2021), o que Bolsonaro tem em comum com o fascismo clássico é o autoritarismo, a preferência por formas ditatoriais de governo, o culto ao chefe (“mito”) Salvador da Pátria, o ódio à esquerda e ao movimento operário. Mas não dispõe de condições de estabelecer uma ditadura, ou seja, de um regime fascista. Neste sentido, não se pode dizer que no Brasil de 2021 haja um “regime fascista”, mas, sim, vive-se um ‘governo neofascista’. Seu desejo, abertamente evocado por seus filhos, seria de impor um novo AI-5, dissolvendo o Superior Tribunal Federal (STF) e colocando fora da lei sindicatos e partidos de oposição. Mas lhe falta, ainda, o apoio tanto das classes dominantes quanto das Forças Armadas, pouco interessadas, por hora, em uma nova aventura ditatorial (LÖWY, 2021).

O neofascismo brasileiro, na atual conjuntura político-econômica, também tem forte apelo entre segmentos importantes da massa pobre marginalizada, totalmente precarizada e sem qualquer tipo de organização política (trabalhista, partidária etc.). Ainda, o presidente Jair Bolsonaro, sensibiliza parte da população jovem desinformada e despolitizada, mas que tem presença nas redes sociais e que enxerga nele um “comportamento supostamente transgressor”, distinto dos demais políticos profissionais – em geral desmoralizados (FILGUEIRAS, 2018).

O movimento neofascista brasileiro é um processo leviatânico produzido por uma heterogênea coalizão sociopolítica e político-institucional do capitalismo neoliberal no Brasil, na qual as diversas frações da burguesia se alinham na conjuntura de múltiplas determinações, caracterizada pela crise de estagnação da economia; pela luta de classes de cima para baixo das classes proprietárias contra as reformas sociais (em uma sociedade extremamente desigual) e contra as lideranças da esquerda com elas comprometidas; pela presença de um partido de trabalhadores com vocação e experiência governista e com respaldo no eleitorado; e pela crise dos partidos tradicionais da democracia brasileira, especialmente o PSDB e o PMDB, além do próprio PT (IANONI, 2019).

Esse processo político leviatânico não se apoderou plenamente do Estado, mas seu impacto vem fechando o regime, a tal ponto em que a fronteira entre democracia e autoritarismo no Brasil está borrada (IANONI, 2019). Assim, o breve “verão lulista” e a

constituição de uma assim chamada sociedade de classe média ajudaram a adubar ainda mais o terreno para o crescimento do neoliberalismo enquanto processo de constituição de sujeitos (PUZONE, 2019) potencialmente aderentes às aparentes retóricas de “centro” do neofascismo brasileiro (CARNUT, 2020).

O neofascismo, portanto, não é a *causa* da crise econômica, mas *resultado* e *produto* dela; surge como uma suposta solução para remediar os males produzidos pelo capitalismo neoliberal financeirizado, mas que na verdade aprofunda o problema, aguçando ainda mais a crise: a sua agenda econômica é uma radicalização do neoliberalismo (mais do mesmo do que já vem sendo feito há quatro décadas, uma espécie de ultraneoliberalismo⁷), cujas reformas e políticas econômico-sociais produziram as sucessivas crises localizadas (em países e regiões) ao longo dos anos 1990 e início dos anos 2000 e, finalmente, a crise mundial de 2008. Na verdade, a pseudossolução oferecida é o ataque à democracia liberal e as suas instituições, através da constituição e mobilização de um movimento de massa (típica de todos os fascismos), do uso de milícias digitais e da propagação de mentiras e confusão nas redes sociais (típicas do neofascismo) com o auxílio do negacionismo⁸ (FILGUEIRAS e DRUCK, 2020) e deslegitimação da ciência (DIETHELM e MCKEE, 2009) substituindo-as pelo irracionalismo de teorias

⁷Ultraneoliberalismo é um conceito em desenvolvimento e que encontra justificativa empírica nos termos descritos por Boffo, Saad-Filho e Fine (2018) sobre o momento histórico compreendido como “virada autoritária” do neoliberalismo, intensificando as políticas de defesa do mercado, com ampliação da restrição de gastos públicos. Para estes autores, o neoliberalismo precisa do conservadorismo radical e do autoritarismo para tornar-se ‘ultra’ já que as fases anteriores de “instalação” e de “subjetivação” do neoliberalismo não foram suficientes para superação da crise capitalista de longa duração.

⁸Para Diethelm e McKee (2009) o negacionismo é o emprego de argumentos retóricos para dar a aparência de debate legítimo onde não há. A negação é um processo que emprega alguns ou todos os cinco elementos característicos em uma forma combinada: 1) a conspiração: não se admite que os achados das pesquisas foram encontrados em função dos estudos dos cientistas de forma controlada, ética e, principalmente independente, mas sim porque fazem parte de uma conspiração complexa e secreta. Existe também uma variante da teoria da conspiração, que é o *inversionismo*, ou seja, inverter o processo da relação causal no qual uma causa vira consequência e vice-versa. Exemplo: não são as condições de vida e trabalho que produzem as condições de salubridade-adoecimento mas que certas condições de salubridade-adoecimento são geradoras das condições de vida e trabalho que as pessoas conseguem no mercado; 2) o uso de falsos especialistas costuma ser complementado pela difamação de especialistas e pesquisadores estabelecidos; 3) a terceira característica é a seletividade, valendo-se de artigos isolados que desafiam o consenso dominante ou destacando as falhas nos artigos mais fracos; 4) a criação de expectativas impossíveis sobre o que a pesquisa pode oferecer. Por exemplo, aqueles que negam a realidade das mudanças climáticas apontam para a ausência de registros precisos de temperatura antes da invenção do termômetro. Outros usam a incerteza intrínseca dos modelos matemáticos para rejeitá-los inteiramente como meio de compreender um fenômeno; 5) o uso de deturpações e falácias lógicas como as falsas analogias e a falácia do meio excluída. Há diversas provas no âmbito da ciência sobre o uso do negacionismo como forma de atender aos interesses corporativos de grandes empresas como no caso da indústria tabagista (em relação aonexo causal entre fumo e cânceres) e de extração de petróleo (em relação às mudanças climáticas).

conspiracionistas⁹ (MARTIN, 2020) – tudo isso soldado por uma agenda cultural e moral retrógrada, fundamentalmente heteropatriarcal (PARINETTO, 2020), pautada no fundamentalismo evangélico (em especial o neopentecostal) de natureza pré-moderna (FILGUEIRAS e DRUCK, 2020).

Referências

- BEINSTEIN, Jorge. Neofascismo e decadência: o planeta burguês à deriva. Tradução: Partido Comunista Brasileiro (PCB). 2019. Acesso em 07/03/2021. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/noticia/neofascismo-e-decadencia-o-planeta-burgues-deriva>
- BOFFO, Marco; SAAD-FILHO, Alfredo; FINE, Ben. Neoliberal Capitalism: The Authoritarian Turn. **Socialist Register**, Canada, v. 55, p. 312-320, 2019.
- BOITO JÚNIOR, Armando. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo? **Crítica Marxista**, Campinas, n.50, p.111-119, 2020.
- BRITO, Renata de Queiroz; SOUSA, Joseline Rodrigues de; SILVA, João Pedro Ferreira da. Fascismo e neofascismo: da tragédia à farsa tropical. 2019. Acesso em 07/03/2021. Disponível em: <http://www.inscricoes.fmb.unesp.br/upload/trabalhos/201982914522.pdf>
- BUENO, Roberto. União indissociável: neoliberalismo & neofascismo. 2020. Acesso em 03/03/2021. Disponível em: <https://redept.org/artigos/Roberto-Bueno/uniao-indissociavel-neoliberalismo--neofascismo>
- CALDEIRA-NETO, O. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. **Conhecer: Debate entre o Público e o Privado**, Fortaleza, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.
- CALIL, Gilberto. Dez notas iniciais depois da eleição de Bolsonaro. 2018. Acesso em 07/03/2021. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2018/10/29/dez-notas-iniciais-depois-da-eleicao-de-bolsonaro/>
- CAMPOS, Rogério de. Uma inovação brasileira: o fascismo servil. 2018. Acesso em: 01/03/2021. Disponível em: https://diplomatique.org.br/uma-inovacao-brasileira-o-fascismo-servil/?fbclid=IwAR3olJafHCcwZ6uZr18pUSqRN4NXc6Id5jBcl0Lf5pTcg3vDdor_cSS7-_E
- CARNUT, Leonardo. Neofascismo como objeto de estudo: contribuições e caminhos para elucidar este fenômeno. **Semina. Ciências Sociais e Humanas (Online)**, Londrina, v. 41, p. 81-108, 2020a.
- DIETHELM, Pascal; MCKEE, Martin. Denialism: what is it and how should scientists respond? **European Journal of Public Health**, United Kingdom, v. 19, n. 1, p. 2-4, 2009.
- FASSIN, Éric. The neo-fascist moment of neoliberalism. 2018. Acesso em 01/03/2021. Disponível em: <https://braveneweuropa.com/eric-fassin-the-neo-fascist-moment-of-neoliberalism>
- FERNANDES, Florestan. Padrões de dominação externa na América Latina. In: _____. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 11-32.
- FILGUEIRAS, Luiz. A Economia Política do fascismo. 2018. Acesso em 01/03/2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-economia-politica-do-fascismo/>
- FILGUEIRAS, Luiz; DRUCK, Graça. EUA: o neofascismo perde seu farol. 2020. Acesso em 03/03/2021. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/analise/67484/eua-o-neofascismo-perde-seu-farol>
- FONTES, Virgínia. O núcleo central do governo Bolsonaro: o proto-fascismo. 2019. Acesso em 07/03/2021. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2019/01/08/o-nucleo-central-do-governo-bolsonaro-o-proto-fascismo/>
- GUAMÁN, Adoración; MARTÍN, Sebastián; ARAGONESES, Alfons. **Neofascismo. La bestia neoliberal**. Espanha: Ediciones Akal, S.A., 2019.
- IANONI, Marcus. Crise do capitalismo, democracia e neofascismo no Brasil: um conjunto de interseção. 2019. Acesso em 01/03/2021. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/43-encontro-anual-da-anpocs/mr-10/mr12-1/12015- crise-do-capitalismo-democracia-e-neofascismo-no-brasil-um-conjunto-de-intersecao-autor-marcus-ianoni/file>

⁹Ao lidar com as “teorias conspiracionistas”, entender sua razão tática é essencial. Martin (2020) aponta que as lutas contra as teorias conspiracionistas podem ser analisadas em termos das táticas que poderosos perpetradores usam para reduzir a indignação sobre a injustiça. Para isso usam o encobrimento, a desvalorização, a reinterpretção, os canais oficiais e a intimidação/recompensas.

- KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- LÖWY, Michel. Dois anos de desgoverno – a ascensão do neofascismo. Acesso em 01/03/2021. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/606674-dois-anos-de-desgoverno-a-ascensao-do-neofascismo-artigo-de-michael-loewy?fbclid=IwARoWuPawKkRgITD2LESwBpe_K2FPSFvMHTPnLSAzYFoqunZbLMATR-Uj-jM
- MARINI, Ruy Mauro. O Estado de contra-insurgência. **Cuadernos Políticos**, México, n. 18, p. 21-29, 1978.
- MARTIN, Brian. Dealing with Conspiracy Theory Attributions. **Social Epistemology**, United Kingdom, v. 34, n. 5, p. 409-422, 2020.
- MARTÍN, Rafael Domínguez. Crisis orgánica, dependencia y neofascismo periférico en América Latina. ensayo de presentación e interpretación. **Bajo el Volcán: Revista del Posgrado de Sociología**. BUAP, México, v. 2, n. 3, p. 9-75, 2020.
- MASCARO, Alysson Leandro. Prefácio. In: PACHUKANIS, Evguiéni B. **Fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 9-24.
- MATHIAS, Gilberto; SALAMA, Pierre. **O Estado superdesenvolvido**: ensaios sobre a intervenção estatal e sobre as formas de dominação no capitalismo contemporâneo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- MATTOS, Marcelo Badaró. Mais que uma analogia: análises clássicas sobre o fascismo histórico e o Brasil de Bolsonaro. In: DEMIER, Felipe; CISLAGHI, Juliana Fiuza. (org.). **O neofascismo no poder (ano I)**: análises críticas sobre o governo Bolsonaro. Rio de Janeiro: Consequência, 2019. p. 17-45.
- MELO, Demian Bezerra de. As reflexões de Gramsci sobre o fascismo e o estudo da direita contemporânea: notas de pesquisa. NIEP-Marx, 2017. Acesso em 07/03/2021. Disponível em: <http://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2017/anais2017/MC45/mc454.pdf>
- OLIVEIRA, Gênesis. Algumas considerações sobre as pesquisas: o fascismo como tendência do capital-imperialista na sua fase de financeirização. 2018. Acesso em 07/03/2021. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2018/10/07/algumas-consideracoes-sobre-as-pesquisas-o-fascismo-como-tendencia-do-capital-imperialista-na-sua-fase-de-financeirizacao/>
- OURIQUES, Nildo. A estabilidade burguesa e a crise brasileira. 2020. Acesso em: 05/03/2021. Disponível em: <https://revolucaobrasileira.org/11/08/2020/a-estabilidade-burguesa-e-a-crise-brasileira/>
- PACHUKANIS, Evguiéni B. **Fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- PARINETTO, Luciano. Nazi-Fascism and Anal Repression: from the body and revolution in Marx: death, the devil and anality. **Barricade: A Journal of Antifascism and Translation**, EUA, v. 1, n. 3, p. 65-90, 2020.
- PRADO, Eleutério F. S. Neofascismo e neoliberalismo. 2020. Acesso em 01/03/2021. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neofascismo-e-neoliberalismo/>
- PUZONE, Vladimir. A ascensão do neofascismo entre a crise das esquerdas e os sujeitos neoliberais. 2019. Acesso em 03/03/2021. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/encontros/papers/43-encontro-anual-da-anpocs/mr-10/mr12-1/12016-a-ascensao-do-neofascismo-entre-a-crise-das-esquerdas-e-os-sujeitos-neoliberais-autor-vladimir-puzone/file>
- ROBERTS, Michael. **The long depression**: how it happened, why it happened, and what happens next. Chicago: Haymarket Books, 2016.
- SCARTEZINI, Natalia. A fascistização da indignação: as manifestações de 2015 no Brasil. **Cadernos de Campo**, Marília, v. 20, p. 183-206, 2016.
- SCHLESNER, Anita Helena; MEZAROBBA, Gilson; ALMEIDA, Tariani Maria Garcia. Reflexões sobre o fascismo e a violência no Brasil: a situação das classes trabalhadoras no momento de crise orgânica do capital. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 11, n. 2, p. 25-35, 2019.
- SEMERARO, Giovanni. La restaurazione in Brasile: um fascismo neoliberalista. **Crítica Marxista**, Roma, v. 1, p. 31-41, 2019.
- VIEL, Ricardo. Entrevista com Manuel Loff: “O bolsonarismo é o neofascismo adaptado ao Brasil do século 21”. Acesso em: 01/03/2021. Disponível em: https://apublica.org/2019/07/o-bolsonarismo-e-o-neofascismo-adaptado-ao-brasil-do-seculo-21/?fbclid=IwAR3baEsQl7Dlk7RuavJqTzpxob7F_2HPMmTzuwHGj_lz22FiMFZwQXyelul